

NOTAS E INFORMAÇÕES

De onde vêm os êxitos

O principal merito da gestão Lula, em matéria de política econômica e social, foi não dei-

tar por terra as conquistas passadas, enquanto as cobria de impropérios. ● PÁG. A3

11/07/2006 11:23

De onde vêm os êxitos

O presidente Lula deve ter-se inflado de satisfação ao tomar conhecimento, nos jornais de domingo, de duas pesquisas. Não se trata de pesquisas de intenção de voto, mas talvez sejam ainda mais importantes, pois os seus resultados contêm grande parte da explicação para o favoritismo do presidente, captado pelas sondagens eleitorais propriamente ditas. Um levantamento do Instituto Target, com base em dados do IBGE, publicado no *Globo*, mostra que, a julgar pelos seus atuais padrões de consumo, mais de 2 milhões de famílias, ou cerca de 7 milhões de pessoas, passaram a integrar a classe média. O *Datafolha*, por sua vez, apurou que 6 milhões de eleitores, nas classes D e E em fins de 2002, hoje se situam na classe C.

Além disso, segundo dados oficiais, nos últimos 12 meses terminados em abril, o rendimento do trabalho na economia formal, já descontada a inflação, aumentou 5,9%, o salário médio dos trabalhadores admitidos com registro cresceu 5,2% entre janeiro e maio e o contingente dos com-carteira subiu também 5,2% nos 12 meses completados em maio. A melhora dos números do trabalho, conjugada com a

expansão da oferta de crédito ao consumidor, é apontada como a causa primeira da mencionada ascensão social de 7 milhões de brasileiros. Já representam 66% (ante 60% em 2001) as famílias com rendimento mensal de R\$ 1.140 a R\$ 3.750 - a faixa cuja capacidade de consumo a localiza no meio da pirâmide aquisitiva.

“Os símbolos da classe média, que são emprego com carteira assinada e acesso ao crédito e à faculdade”, estão em expansão, assinala o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas. Ele verificou que de outubro passado para cá a renda domiciliar per capita subiu 14% em termos reais. “E o emprego formal dá segurança para consumir”, argumenta. A indústria automobilística prevê que o ano terminará com 1,8 milhão de novos veículos emplacados, o maior resultado do atual quadriênio. As exportações de veículos argentinos para o Brasil aumentaram 15% no semestre, podendo chegar a 25% no cômputo geral do ano. Não espanta que, segundo o *Datafolha*, jamais tenha sido tão baixa, desde 1994, a parcela dos eleitores que se

queixam dos seus rendimentos. Apenas 28% acham que a família ganha muito pouco. Antes da posse de Lula, eram 45%.

O dado mais significativo, do ângulo eleitoral, é que 49% dos entrevistados acreditam que a sua situação econômica vai melhorar. Se a amostra corresponde rigorosamente ao total de brasileiros aptos a votar este ano, os otimistas representam 61,6 milhões de eleitores. O lamentável, nisso tudo, é a recusa do presidente Lula de admitir candidamente que os êxitos do seu governo não nasceram por geração espontânea em 1º de janeiro de 2003. O caso do Bolsa-Família é exemplar. Depois de um ano do catastrófico Fome Zero, a administração revelou competência para unificar os programas de transferência

de renda e fazer chegar a 11,1 milhões de famílias o benefício mensal. Mas, a ouvir o presidente, é como se ele tivesse inventado a pólvora, não merecendo crédito as primeiras iniciativas locais do gênero, muito menos a sua expansão no governo Fernando Henrique.

Na realidade, o principal mérito da gestão Lula, em matéria de política econômica e so-

cial, foi não deitar por terra as conquistas passadas, enquanto as cobria de impropérios. Olhando os fatos como eles são, o contraste entre as ações e as palavras, a retórica da "herança maldita" chega a ser grotesca. Primeiro, porque não tinha nada de maldita. A deterioração geral dos indicadores em 2002 se deveu não ao que o governo de então tivesse feito de errado, mas ao grande medo de que o governo futuro faria tudo errado – por uma mistura de despreparo com a sua própria herança ideológica acumulada em 20 anos. Segundo, porque Lula fez literalmente mais do mesmo na economia: manteve e reforçou o modelo antes abominado – a começar da estabilidade econômica (que um mal orientado Lula dizia em 1994 ser um "estelionato eleitoral"), a verdadeira matriz de tudo o que o presidente se vangloria.

Melhor faria o presidente se aprendesse com o ex-ministro Pedro Malan (no Estado de domingo) que "qualquer governo, em qualquer país do mundo, não só tem seus próprios erros e acertos, como também constrói sobre avanços alcançados na vigência de administrações anteriores. O governo Lula não foi, não é e não será exceção a esta regra".